



Entre o planejado e o vivido: projeto, pertencimento e contradições do/no Setor Central de Goiânia-GO

Jordana Gouveia e Silva^{1*} (PG), Wilton de Araújo Medeiros² (PQ)

¹Programa de Pós-Graduação (Mestrado Profissional) em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio Campus Cora Coralina, Sede Cidade de Goiás-GO. E-mail: arq.jordanagouveia@gmail.com

²Universidade Estadual de Goiás.

Resumo: A partir de estudos acadêmicos¹ sobre a fundação de Goiânia-GO, este trabalho pesquisa os processos de apropriação dos espaços públicos do Setor Central, núcleo original da capital goiana. Nesse sentido, analisou-se a cidade em dois momentos históricos: primeiro em seus anos iniciais, de 1930 de 1940; em seguida, no contexto contemporâneo atual. Metodologicamente, o trabalho é construído através da revisão bibliográfica de estudos sobre o espaço urbano em suas dimensões social e cultural, bem como sobre o Setor Central e Goiânia. Através da pesquisa, ainda em construção, percebe-se a existência de paradoxos entre a cidade idealizada, representada neste pelo plano urbanístico original e pelos recentes projetos de requalificação urbana; e a cidade vivida, produzida por seus sujeitos e as diversas formas de apropriação social e cultural dos espaços públicos da urbe.

Palavras-chave: Espaços Públicos. Apropriação Urbana. Intervenções Urbanas. Patrimônio Cultural.

Introdução

Analisar a cidade a partir das relações e ações dos sujeitos que nela vivem é um exercício que nos permite perceber as complexas teias que compõem o espaço urbano - conexões sociais, culturais, espaciais, materiais, imateriais, entre outras, produzidas e reproduzidas no espaço físico da cidade, seja através dos discursos ou por meio das estruturas de poder que remontam ao próprio sistema capitalista no qual estamos inseridos. Esse exercício de análise pode ser feito por meio da multiplicidade de áreas que compõem as Ciências Sociais, como é o caso deste trabalho.

Segundo Carlos (2020) o espaço público “é, sobretudo, social” e a análise da cidade enquanto produto social se faz necessária para entender os diversos

¹ As reflexões propostas neste trabalho surgiram, principalmente, a partir das aulas da disciplina “Visualidades e Patrimônio”, ministrada pelos docentes Prof.^a Dr.^a Raquel Miranda Barbosa e Prof. Dr. Thiago Fernando Sant’Anna e Silva, e ofertada no programa de Pós-graduação em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio (PROMEP-UEG). www.propep.ueg.br



conceitos que permeiam o tema neste abordado. Assim, o espaço pode ser visto como “(...) condição, meio e produto da reprodução social: produto resultante da história da humanidade, reproduzindo-se ao longo do tempo histórico (...), em função de estratégias e virtualidades contidas de cada sociedade” (CARLOS, 2020, p. 63).

A partir de estudos de História, Geografia Urbana e Patrimônio Cultural, o estudo aqui apresentado é um recorte da pesquisa de mestrado² (ainda em construção) cujo objetivo principal é analisar a cidade através da ótica dos sujeitos que nela vivem, buscando entender a forma como os indivíduos entendem e produzem os espaços públicos em suas dimensões subjetivas e afetivas. Nesse sentido, o presente exercício tem como objeto de estudo o Setor Central de Goiânia-GO, analisado em dois contextos histórico-temporais: (1) a “nova” capital do estado de Goiás, em seus primeiros anos de existência, nas décadas de 1930 e 1940; e (2) a cidade contemporânea, que atualmente passa por obras de revitalizações e requalificações urbanas no Setor Central.

Resultados e Discussão

A concepção da cidade de Goiânia-GO, cujo principal representante e idealizador é Pedro Ludovico Teixeira, governador do estado à época e apoiado por Getúlio Vargas, está vincula ao projeto nacional de modernização e ocupação do interior do país na chamada “marcha para o oeste” (CHAUL, 2009). Segundo Chaul (2009), os anos iniciais de Goiânia foram marcados pelas disputas políticas e econômicas e pelo conflito desencadeado pela mudança da capital do estado da cidade de Goiás para a nova cidade a ser construída no sertão goiano:

As aspirações dos grupos políticos em ascensão, reunindo os anseios das camadas médias urbanas e dos proprietários rurais, embebidos nas promessas de desenvolvimento, encontraram na mudança da capital o símbolo do almejado progresso. Por isso, Goiânia seria o símbolo unificador dos grupos em ascensão, servindo, ao mesmo tempo, de plataforma política ao seu mentor contemporâneo. Significava, ainda, o processo de unificação do sul e do sudoeste de Goiás em torno do poder representado por Pedro Ludovico Teixeira. (CHAUL, 2009, p. 104)

O ideal de modernização e progresso simbolizado pela nova capital se refletiu no estilo escolhido para as edificações, o *Art Decó*, e principalmente em seu plano urbanístico. Conforme explica Daher (2009), o projeto urbano de Goiânia foi

² Projeto de pesquisa intitulado “Memória e imaginário nos centros urbanos: o centro histórico de Goiânia-GO e seus espaços públicos” sob orientação do Prof. Dr. Wilton de Araújo Medeiros.





elaborado pelo o urbanista Atílio Correa Lima, que se baseou em preceitos da escola francesa de urbanismo, e posteriormente modificado pelo engenheiro Armando de Godói, que optou por seguir o modelo das cidades-jardim inglesas; todavia, mesmo sendo divergentes em seus preceitos e de escolas diferentes, ambos os projetos se encontravam dentro do conceito racional e moderno que era o mote principal do desenvolvimento assumido por Pedro Ludovico Teixeira e suportada pela própria estrutura do Estado Novo, do qual a cidade pode ser vista como sua materialização:

Assim, este símbolo maior da Marcha para Oeste, possibilitou o avanço capitalista para o interior do país, consolidando os planos político-econômicos de Vargas e Pedro Ludovico, legando-nos uma herança de agrário e urbano que permeia todo o processo sócio-cultural da capital e fundamentou a criação de símbolos capazes de traduzir sua heterogeneidade, capazes de construir, juntamente com a nova capital, a representação de sua face mais dinâmica, de sua existência mais justificada: a modernidade (...). (CHAUL, 2009, p. 101)

O plano racional urbano foi sendo apropriado e reinterpretado pelos sujeitos que compuseram a população primeira de Goiânia: pessoas de origens e culturas diversas, vindas para a construção da nova cidade. Destarte, segundo Chaul (2009), a dualidade contraditória entre moderno/antigo e rural/urbano compôs (e ainda compõe) a identidade goianiense do espaço urbano e de seus indivíduos:

Goiânia mesclava o urbano e o rural, expressava a modernidade e o progresso. Uma parcela da sociedade da época, que tinha voz na política local, escondia o fazendeiro por trás do profissional liberal. O médico, o advogado, o farmacêutico, o engenheiro, o bacharel etc., quase todos ligados à estrutura fundiária, procuravam, por si mesmos, ou por meio de seus representantes, uma mudança nos quadros da política estadual. Faziam crer que o 'velho' – os grupos políticos depostos – tinha cedido lugar a uma nova ordem, de novos homens, entre jalecos e leis, remédios e construções, que, assim, dirigiam o Estado orientados por uma nova mentalidade: mais progressista, mais moderna, mais dinâmica. Tratava-se de uma mentalidade urbana com os pés plantados em solo rural. Tal mesclagem (urbano rural) pode, até os dias atuais, ser notada nas várias facetas da cidade que se tornou Goiânia. (CHAUL, 2009, p. 107)

As contradições relacionais entre espaço e sujeitos em Goiânia identificados por Chaul (2009) continuaram nas décadas seguintes, sendo recorrentes na cidade e no seu Setor Central, marcado por seu caráter popular e de centralidade, como pode ser visto em Oliveira e Chaveiro (2008), em específico sobre a década de 1980:





Movimentos sociais foram responsáveis por uma nova ordem da cidade, a ordem dual: de um lado, a cidade planejada pelo Estado – na institucionalidade do poder público municipal –, expressante de uma lógica de ordenação excludente, na qual as camadas populares se viam restritas ao acesso da urbanidade. De outro, a cidade resultante da ação cotidiana destas mesmas camadas, que na busca de garantia de sua sobrevivência, reinventaram a cidade na produção de seus espaços de referência, contraditórios com a centralidade; produziram uma heterotopia conformada à feição das desigualdades socioespaciais. (OLIVEIRA e CHAVEIRO, p. 193, 2008)

Tais contradições perduram no tempo e no espaço da cidade. Do mesmo modo, a partir de estudos empíricos e observações de campo, percebe-se que as recentes intervenções urbanas ocorridas no Setor Central – ao exemplo da requalificação da Praça Cívica e a revitalização da antiga Estação Ferroviária e da Praça do Trabalhador – são casos nos quais é possível identificar as mesmas contradições: o espaço planejado e executado de forma funcional e estética é apropriado no cotidiano cidadão por indivíduos diversos, que fazem e criam usos do espaço que extrapolam o planejamento urbano racional. Logo, por meio dos estudos empíricos realizados, a análise dos anos iniciais da cidade de Goiânia neste proposto será parte importante na pesquisa em desenvolvimento no mestrado.

Considerações Finais

A reflexão sobre os anos iniciais de Goiânia nos permitiu entender um pouco o conflito existente no Setor Central e a população goianiense nos dias atuais, bem como questões sobre sua identidade e sua memória coletiva. O ideal de cidade “moderna” e a necessidade de estar em constante progresso são intrínsecos à cidade, desde sua concepção até as diversas imagens assumidas ao longo dos anos: da cidade do progresso, na década de 1930, à Goiânia do Futuro, indicada na revisão do Plano Diretor atual³.

Logo, o projeto de pesquisa em andamento e seu produto final (a ser definido e obrigatório para a finalização do curso), ao se desdobrarem além de seu caráter acadêmico – por se tratar de um mestrado profissional – poderão ser ferramentas que contribuam para a elaboração de políticas públicas e ações práticas para Goiânia e sua população, sobretudo no momento atual de revisão da legislação urbana vigente e em meio a diversas obras e projetos de intervenções nos espaços

³ Disponível em: <https://www.goiania-go.gov.br/sing_servicos/plano-diretor-goiania-do-futuro/>.





públicos da cidade. Nesse sentido, uma visão de planejamento urbano que leve em consideração as dimensões social e cultural do espaço da cidade, de forma multidisciplinar e que englobe em seu processo metodológico os sujeitos que compõem e produzem a urbe, é parte importante para a efetivação de uma nova visão sobre o desenvolvimento das cidades na América Latina, como enfatizado por Costa (2021):

El sujeto urbano es el que mejor puede definir sus necesidades y dirigir su proyecto propio (anclado a planes urbanos tecnico-humanistas), agudizado por el imaginario, produto y productor de la razón instrumental y la propia experiencia. (COSTA, 2021, p. 108)

Referências

BORELA, M. A. **Experiência moderna nas artes plásticas em Goiás: fronteira, identidade e história (1942-1962)**. Goiânia, GO: Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás (UFG), 2010.

CARLOS, A. F. A. Da organização à produção do espaço no movimento. In: A. F. CARLOS, M. L.; SOUZA; M. E. SPOSITO, **A Produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo: Contexto, p. 53-74, 2020.

CHAUL, N. F. **Goiânia: a capital do sertão**. Goiânia, GO: Revista UFG, v. 11, n. 6, p. 100-110, 2009. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/48235/23591>>. Acesso em: 01/11/2021.

COSTA, E. B. **Planificación urbana posible, imaginario, existencia y cultura**. São Paulo, SP: USP, Tempo Social - Revista de Sociologia, v. 33, n. 1, p. 91-120, 2021. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/164522/170818>>. Acesso em: 02/11/2021.

DAHER, T. **O projeto original de Goiânia**. Goiânia, GO: Revista UFG, v. 11, n. 6, p. 77-90. 2009. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/48233/23589>>. Acesso em: 01/11/2021.

OLIVEIRA, A.F; CHAVEIRO, E.F. **Desigualdades sócio-espaciais, democracia e gestão metropolitana: análise do desempenho institucional em Goiânia (1997-2007)**. Boletim Goiano de Geografia, v. 28, n. 2, p. 187-202, 2008. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/bgg/article/view/5743/4538>>. Acesso em: 02/11/2021.

